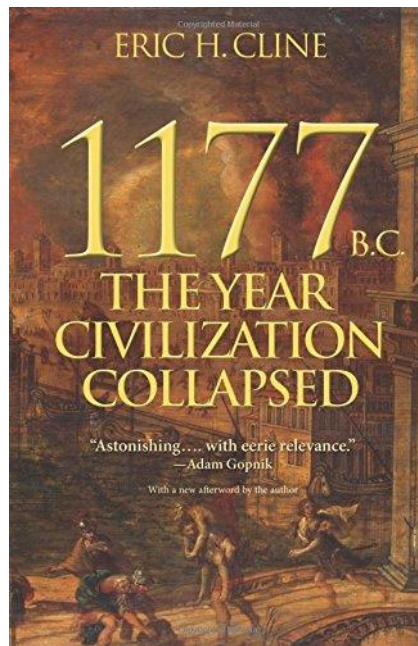




1177 B. C.: the year civilization collapsed

Bruno José Rodrigues Frank – Universidade Estadual de Londrina |
Londrina | Paraná | Brasil | E-mail: bruno.j.frank@gmail.com |
<https://orcid.org/0000-0001-7988-3894>



CLINE, Eric H. **1177 B. C.:** the year civilization collapsed. Princeton: Princeton University Press, 2014. 237p.

• e-ISSN: 2177-5788 •

Copyright © 2020. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuem os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



Estamos em um mundo interconectado onde o comércio entre as grandes potências floresce. Nesse mundo há um idioma comum para o comércio e para a diplomacia. Um recurso natural essencial à manutenção das nações aproxima e distancia as grandes potências, no entanto, o risco de guerra é amortecido por instrumentos diplomáticos e os laços comerciais contrabalançam ambições imperiais. Eric Cline traça um perfil desse período:

Os guerreiros que entraram em cena moveram-se rapidamente, deixando um rastro de destruição e morte em seu caminho. Acadêmicos modernos os denominaram, coletivamente de “povos do mar” [...]. De acordo com as inscrições na tumba de Ramsés, nenhum país conseguiu parar essa enorme onda de pessoas. As grandes potências da época – Os Hititas, os Canaanitas, Cipriotas e tantos outros caíram um a um. (p. 8)¹.

Esse cenário poderia muito bem descrever o nosso mundo globalizado, alimentado pelo petróleo, mas foi o cenário do colapso enfrentado pelos povos do mediterrâneo durante a fase tardia da era do bronze (1700-1200 A.C.). E fez do ano de 1177 A.C., quando os egípcios enfrentam pela segunda vez os “povos do mar”, o marco (ou o símbolo) desta derrocada.

Neste livro, Eric Cline² procura sobrepor os achados arqueológicos mais recentes e hipóteses sobre o efeito dominó que varreu civilizações como os Hititas e os Micênicos e enfraqueceram, quase à exaustão, Assírios, Egípcios e os demais “reinos” do Mediterrâneo. As relações comerciais diminuem e reinos e cidades são destruídos, mergulhando a era do bronze em um espiral de dúvidas a respeito do que ocasionara seu fim.

Os atores apontados são uma série de catástrofes naturais, mudanças climáticas e degradação ambiental, fome e revoltas populares, ou seria a

¹ The warriors entered the world scene and moved rapidly, leaving death and destruction in their wake. Modern scholars refer to them collectively as the “sea peoples”. [...] According to Ramses’s inscriptions, no country was able to oppose this invading mass of humanity. The great powers of the day – the Hittites, the Caananites, the Cypriots, and others – fell one by one.

² Professor de Antropologia e Estudos Clássicos e diretor do Instituto de Arqueologia na Universidade George Washington.



invasão dos misteriosos “povos do mar”? Cline percorre um período de aproximadamente 200 anos entre a ascensão e o colapso dos grandes impérios, trazendo o estado de arte da pesquisa arqueológica através de uma narrativa agradável e envolvente.

Utilizando-se de registros arqueológicos, o autor demonstra que havia um mundo interconectado, com produtos de diversas nacionalidades e discussão de tributos e requisições por parte de comerciantes e reis que atestam para os estreitos laços comerciais do período.

Seguido por uma breve introdução a respeito do colapso de civilizações e da centralidade da interdependência entre os povos do final da era do bronze, o livro é dividido por uma sequência cronológica que explica a ascensão das relações diplomáticas, guerras e do comércio (XV-XII A.C.) ao seu colapso, por volta de 1177 A.C. No último capítulo, intitulado “Uma tempestade perfeita de calamidades?”, discorre sobre as principais teorias concernentes ao colapso, descartando, uma a uma, as explicações correntes para defender sua hipótese de um conjunto de catástrofes ou fenômenos como disparo inicial do efeito dominó. De acordo com Cline existem cinco motivações comuns para o colapso:

1. Terremotos: de acordo com estudos da Arqueosismologia, houve uma série de terremotos em sequência nessa região (inclusive a Capital dos Micênicos, Cnossos, assentava-se sob uma falha geológica). No entanto, como aponta Cline, civilizações conseguem se recuperar de tragédias como essa.
2. Fome, seca e mudanças climáticas: existem relatos documentados de fome e evidências científicas de seca e mudanças climáticas tanto no Mar Egeu quanto no Mediterrâneo. Assim como na primeira hipótese, Cline ressalta que sociedades conseguem se recuperar destes eventos.
3. Rebeliões: existem evidências, embora não muito concretas, de rebeliões internas (na Grécia e por todo Levante). Novamente, sociedades conseguem se recuperar dessas revoltas, no entanto, deve-se notar que ocorreram por quase toda a área e em um período relativamente longo.



4. Invasões: existem evidências de invasores (ou de pelo menos imigrações) vindos do Mar Egeu, leste da Anatólia e Cipro. Muitas cidades foram destruídas e depois abandonadas, algumas foram reocupadas, enquanto outras aparentemente não foram afetadas.
5. Comércio internacional: claramente as rotas foram afetadas senão cortadas por períodos específicos. Como nota Cline, a extensão do impacto em cada civilização não é claro – no entanto, algumas civilizações, como o caso dos Micênicos, eram altamente dependentes de produtos importados para sua sobrevivência.

Embora não seja seu objetivo principal, o livro dialoga com obras de “colapsologia”, como *Colapso*, de Diamond (2005) e outros nomes do gênero. Com base nas hipóteses comuns para o fim da era do bronze, o autor procura elencar o maior número possível de hipóteses e informações, contrapondo-as com uma rígida investigação.

Disto conclui que o colapso de fato sistêmico e apoiado pelo conjunto de evidências das explicações fundamentais estabelece a hipótese mais coerente. Em suas palavras:

É verdade que muitas vezes uma civilização não consegue se recuperar de invasões ou terremotos ou então sobreviver à secas ou rebeliões. No entanto, por falta de uma explicação melhor a melhor solução é sugerir que estes fatores, em conjunto, contribuíram para o colapso de reinos e sociedades regionais dominantes na era tardia do bronze (CLINE, tradução própria, 2014, p. 165)³.

Assim sucede uma relação de causa e efeito entre os fenômenos apontados, em suma: como consequência de invasões ou terremotos ou diminuição da capacidade de sustento alimentar, advém uma diminuição no

³ It is true that sometimes a civilization cannot recover from invaders or an earthquake, or survive drought or a rebellion, but at the moment, for lack of a better explanation, it looks as though the best solution is to suggest that all these factors together contributed to the collapse of what had been the dominant Late Bronze Age kingdoms and societies in these regions.



comércio regional que, aos poucos, irá se extinguir, o que dificultará o acesso ao estanho e ao cobre (essenciais para a produção de bronze).

As complexas pirâmides sociais dessas sociedades não conseguiram sustentar-se, colapsando sob seu próprio peso ou sob invasões inimigas (aqui os povos do mar entram em cena) ou revoltas civis.

Após o período de estagnação que se seguiu, abriu caminho para o surgimento de novas formas de organização social e militar. As cidades encastelar-se-iam em regiões mais altas, defensáveis e por muitas vezes distantes do mar, o bronze seria substituído pelo ferro, culminando em outra forma de organização, a cidade-estado, que os gregos tanto apreciariam.

O mundo que emergiu do colapso da Era do Bronze, constituiria de fato, uma nova Era. Novas oportunidades para crescimento surgiram, particularmente devido ao enfraquecimento dos Hititas e o declínio dos egípcios, que, além do domínio de suas regiões também controlavam grande parte da Síria e da Cananeia durante grande parte da era tardia do Bronze. [...] Das cinzas do mundo antigo vieram o alfabeto e outras invenções, isso sem mencionar aumento do uso do Ferro, que daria origem ao nome da nova Era – A era do Ferro. (CLINE, 2014, tradução própria, p. 174).⁴

Trata-se de uma obra de referência, indispensável aos estudiosos e entusiastas da História antiga. O autor termina por levantar o debate acerca dos perigos da interdependência em um mundo globalizado como o nosso. Seria a nossa era a era do Petróleo? E quais lições podemos tirar disso.

Referência

DIAMOND, Jared. **Colapso**: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2005.

⁴ When the World emerged from the collapse of the Bronze Age, it was indeed a New Age, including new opportunities for growth, particularly with the demise of the Hittites and the decline of the Egyptians, who, in addition to ruling their own regions, ha also between them controlled most of the Syria and Canaan for much the Late Bronze Age. [...] Out of the ashes of the old World came the alphabet and other inventions, not to mention a dramatic increase in the use of iron, which gave its name to the new era – the Iron Age.